

Celebrando a herança e o afeto

Celebrating heritage and affection

*Tatiana Chang Waldman**

Desde a infância, nós, filhas e filhos de migrantes, sabemos que há algo que nos diferencia de amigas e amigos brasileiros: a língua falada por nossas mães, pais e avós dentro de casa (e os sotaques fora dela); os ingredientes e temperos que integram nossa culinária cotidiana; os remédios caseiros que nos curam; as crenças que herdamos de tudo aquilo que dá sorte e azar; as fotos dos álbuns de família com seus cenários distantes e legendas em outras línguas (e, no meu caso, em caracteres); as roupas típicas usadas em festas e ocasiões especiais; as datas que somente nós celebramos.

Na minha memória, o ano novo lunar consegue reunir um pouco de cada um desses elementos. Celebrei a virada do calendário lunar ao longo dos meus 41 anos de vida e sua simbologia para uma família chinesa migrante, como a minha, é única. Tem muito da nossa bagagem cultural envolvida e do desejo de compartilhá-la com quem amamos.

Da China herdei o sobrenome, minhas feições e o gosto pelo fazer (e, sobretudo, o comer) coletivo, em família: aquela de sangue e aquela expandida, que escolhemos.

Nasci do encontro de pessoas que circulam pelo mundo: uma mãe chinesa e um pai brasileiro, mas filho de um polonês e neto de uma italiana. Por parte de mãe, minha família é originária da Província de Jiangxi, no Sudeste da China. Chegaram ao Brasil, em 1950, depois de uma viagem de navio ao longo de dois meses, com alguns baús de pertences e o desejo (e a necessidade) de recomeçar.

Minha *popo* e meu *kunkun* não trouxeram muito além de roupas, panelas e uma máquina de costura. Eram eles e seus cinco filhos: um menino e quatro meninas (entre sete e um ano de idade). Integravam um grupo de chineses que iriam implantar uma fábrica de papel no Brasil. Este foi o primeiro ofício do meu *kunkun* em terras brasileiras.

* Filha e neta de migrantes e nascida em São Paulo, Brasil, é Mestre e Doutora em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo (USP). Atua com os temas de migrações internacionais e direitos humanos. Coordenadora do Núcleo Educativo do Museu da Língua Portuguesa.

Contato: tatiana.waldman@gmail.com

A família passou por Curitiba, Campina Grande e, por fim, se estabeleceu em São Paulo. Por todos os lugares onde passaram, deixavam um pouco da sua origem, presenteando os novos amigos e colegas de trabalho com as poucas e pequenas lembranças que haviam trazido da China.

Em São Paulo criaram raízes. Foi aqui que seus filhos se graduaram e formaram suas famílias e também a cidade onde *kunkun* e *popo* escolheram viver até o fim de suas vidas. Ainda que agora, por conta de genros, noras, netas e netos, os brasileiros representem uma parte significativa da família, na época em que a matriarca e o patriarca eram vivos, o círculo de amigos próximos incluía, principalmente, outros migrantes chineses.

Essa pequena comunidade chinesa na capital paulista mantinha, como podia, seus laços com suas origens: a língua materna, a música (meu *kunkun* gostava muito de tocar seu *erhu*), a culinária e alguns dos costumes trazidos da China, como se reunir aos fins de semana para jogar *mahjong* com amigos e celebrar as datas festivas, sendo a principal delas o ano novo lunar.

O ano novo lunar, para os chineses, é uma grande festa. Mas para nossa família, é a maior festa do ano. Diferente do natal ou do ano novo festejados no Brasil, nesse dia reencontramos a família inteira e amigos para comer e celebrar a chegada de um novo ciclo.

Era a data em que nossa *popo* e nossas mães e tias vestiam seus bonitos *qipaos* e/ou seus agasalhos chineses com botões de nó. O vermelho predominava nas roupas ou acessórios, nas toalhas e guardanapos, nos *hóngbào* que ganhávamos dos mais velhos e até nas frutas oferecidas: lichias e melancias. A cor traz boa sorte.

A celebração era sempre um almoço realizado na casa de alguém da família, geralmente da *popo* e do *kunkun*, com uma infinidade de pratos chineses e o barulho dos *kuàizi* tocando as tigelas e pratos e das muitas vozes se atravessando em português e chinês. Um possível silêncio só vinha na hora do brinde.

Foto 1



Celebração do ano novo lunar (provavelmente em 1985). Foto: Arquivo pessoal

Algo que sempre me marcou em almoços de família era o estar e fazer junto. Todos os pratos eram elaborados para serem compartilhados e nossas tigelas não se salvavam da interferência de palitos das mães, tias e da *popo* que a todo momento se aproximavam com algum novo item que deveríamos saborear. Custei a entender o tamanho do afeto envolvido em cada um desses gestos. Era a partir da comida que as mulheres da família indicavam saber quais pratos que eu mais gostava. Demonstravam, dessa forma, o seu amor, cuidado e carinho.

Na infância, o ano novo lunar era o dia em que nós, crianças, íamos cumprimentando todo aquele mar de gente com um “*Gong Xi Fa Cai*” sem saber quem eram nossos parentes mais distantes e quem eram parentes de parentes ou amigos. Afinal, o número de convidados ia crescendo à medida em que as famílias iam incorporando mais membros. Havia sempre espaço para mais um convidado (seja um namorado de um familiar ou um amigo curioso que viu uma foto da celebração do ano anterior e ficou interessado em conhecer).

Minha diversão por muito tempo foi ficar de olho nos novos integrantes da festa e nas suas caras e bocas diante de pratos chineses, muitos deles excêntricos para o gosto brasileiro. Era fácil identificar os iniciantes pelo uso de garfos e facas. Uma brincadeira da nossa família é que namorados

e namoradas só poderiam ser aceitos entre os Chang se provassem o ovo milenar. Por ser uma iguaria, normalmente o ritual se dava na primeira celebração do ano novo lunar que a pessoa participasse. Não era preciso gostar, a ideia era se abrir a provar. Eu mesma, só fui provar o famoso ovo com mais de 30 anos. E não gostei.

Um tema que sempre gerava discordância entre as gerações era a sobremesa. Nós, nascidos no Brasil, tínhamos como referência pudins, sorvetes e bolos de restaurantes locais e resistíamos em aceitar fatias de melancia ou arroz glutinoso como conclusão do banquete. Depois de muitos anos de negociação e sob um novo contexto em que a celebração passou a ser predominantemente em restaurantes, o caminho encontrado pela família foi escolher aqueles que serviam frutas (geralmente banana e abacaxi) caramelizadas para acalmar o desejo infantil pelo doce.

Depois que a *popo* e o *kunkun* faleceram (entre o fim da década de 1990 e o início da de 2000), muitos costumes foram mudando gradualmente. Os fins de semana com jogatinas de *mahjong* não ocorriam mais desde que grande parte dos seus amigos e parceiros de jogo faleceram. Eles diziam que não tinha mais graça. Os encontros familiares seguiram ocorrendo com frequência. Nossos churrascos ainda misturavam o pepino agridoce e o macarrão chinês frio com o vinagrete e a farofa, mas a língua chinesa foi rareando e o português logo passou a predominar. Alguns detalhes foram se perdendo no caminho: se antes eu não poderia comer somente a metade de uma pera – minha *popo* ficava de olho porque dava azar – hoje ninguém mais faria caso (ainda que eu, por precaução, nunca mais tenha tentado comer somente a metade de uma pera).

Uma das minhas tias, tia Mau, pegou para si a organização da celebração do ano novo lunar. Com a família mais numerosa, e junto com ela mais outros tantos amigos agregados, os restaurantes chineses foram tomando o lugar das casas de familiares. A festividade cresceu. A organização começa já no início de janeiro, com a seleção do lugar, do cardápio da celebração e a lista (cada dia maior) de convidados confirmados.

Foto 2



Celebração do ano novo lunar (2023). Foto: Arquivo pessoal.

A comida em abundância segue sendo a marca da celebração, mas hoje as receitas já não são as nossas e os pratos giram na bandeja circular de grandes mesas de restaurantes. Ao fim da festa, geralmente as tias – que formam quase uma comissão organizadora e julgadora do evento – se reúnem em um canto para comentar o que acharam da comida, da ordem em que os pratos foram servidos e do restaurante. Ninguém sai sem uma marmitta com parte do que restou do almoço!

Uma tradição que não se perdeu foi o costume de comer um ovo de chá no ano novo lunar. Segundo a minha família: dá sorte. É um ovo cozido no chá e em especiarias. Minha *popo* que os preparava todos os anos, somente nessa época. Depois que ela faleceu, minha tia Yaya passou a cozinhá-los para toda a família. Eu sempre gostei desse ovo (que na minha infância eu chamava de ovo cinza) e adorava descascá-lo e ver o desenho que se formava. Já minha irmã não gostava do seu gosto, mas era obrigada a comer mesmo assim. Sorte é sorte, e ela não poderia ficar de fora.

Me recorro que no ano novo lunar de 2021, o Brasil ainda estava vivenciando o distanciamento social por conta da pandemia. Não havia como encontrar minha tia e receber meu ovo. Pedi, então, que ela me enviasse a receita por celular. Ela me encaminhou uma foto da sua receita escrita à mão. Fiz, então, quatro ovos: para minha mãe, meu pai, minha irmã e para mim. A minha versão ficou menos colorida que a da minha tia. Ela me indicou que da próxima vez deveria usar mais shoyu e quebrar mais a casca do ovo com palitos de dente.

Foto 3



Meus primeiros ovos de chá (2021). Foto: Arquivo pessoal.

Fui saber muito tempo depois, em uma viagem à China, aos 35 anos, que esses ovos eram uma comida de rua muito popular no país. Algo que os chineses comiam cotidianamente e que não tinha uma relação direta com o ano novo lunar.

Não importa. Para mim e para a minha família aqui no Brasil, seguem sendo os ovos de chá da sorte. Algo que só comemos nessa época do ano. Afinal, a culinária é carregada de afeto e memórias, especialmente para quem vem de outros cantos. Ou quem herda tantas trajetórias familiares.

Escrevo este ensaio na primeira quinzena de janeiro de 2025. Em poucos dias, já será o Festival da Primavera. Sou grata por poder celebrar duas vezes o ano novo em datas tão próximas e de formas tão distintas.

Me vem à mente as tantas e boas memórias dos grandes responsáveis por tudo isso: meu *kunkun* e minha *popo*. São lembranças saudosas que me levam a um emaranhado de gente, vozes, línguas, cheiros e comidas. E que tenho sempre comigo: o modo bonito como eles levavam a vida.

Minha família já começou a organizar seu encontro anual. É tempo de reunir. Estar junto. Da minha parte, confirmo a presença e busco a receita do ovo de chá. Que venha o ano da serpente! *Gong Xi Fa Cai* para todos!